

Acção, para quando?...

O País, após o 25 de Abril de 1974, atravessa uma fase febricitante. São medidas revolucionárias e drásticas para aqui, decisões profundas para acolá, enfim, toda uma movimentação que altera por completo a nossa vida e novas perspectivas se rasgam. Há um dinamismo, há realmente uma revolução em marcha, que nos envolve a todos e nos leva a participar nela de maneira total.

Soltam-se palavras de ordem: Dinamização cultural, participação total na cultura, chega-se mesmo a falar em «Revolução cultural».

É excelente que assim seja, pois isso demonstra que a Nação está desejosa de alcançar boas metas neste campo.

No entanto, uma pergunta nos acode:

— E que se tem feito em prol da dinamização cultural no campo das nossas bibliotecas, dos nossos arquivos, dos nossos centros de documentação?

Não somos nós uma das formas mais altas da participação no campo da cultura?

Somos esquecidos? Ou somos nós que não nos temos posto em bicos dos pés, a berrar para que nos vejam e nos ouçam?

Claro que não. Aí está o nosso passado de bons progressistas, dos que não aproveitam as «ocasiões» para se fazerem valer e levar a água ao seu moinho... Nós, os bibliotecários, os arquivistas, os documentalistas, temos toda uma acção de luta — de há anos! —, que vem dos «Cadernos», dos Encontros, da Associação Portuguesa dos Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas! Quem se atreve a negá-lo? Ninguém!

Infelizmente o mal está aqui: é que os mais responsáveis não nos têm ouvido. Várias vezes o nosso organismo profissional, a BAD, como é da sua obrigação, tem insistido para ser ouvida, pois tem sugestões a fazer e até capacidade para as levar a efeito. Olhe-se, por exemplo, o seu Manifesto, onde se explana todo um programa de acção.

Quem o leu? Quem o ouviu?

Ninguém — por parte dos mais responsáveis nos destinos da Nação.

E daí nada haver surgido no nosso campo de actividade.

Ora queremos que haja algo, que algo se faça. Exige-o a nossa qualidade de técnicos que sabem que detêm nas suas mãos elementos poderosíssimos para transformar a cultura deste País, que sabem utilizar técnicas que podem levar a uma real vitória da «Batalha da produção».

Mas quem nos ouve?

Quem nos quer ajudar?

Damos toda uma planificação, num conjunto de medidas!

Quem nos vem agora dizer simplesmente isto: aqui estão as possibilidades materiais de execução — verbas, órgãos, material humano? Agora há só que ir por diante — e fazer!

Infelizmente, ainda não nos foi dada esta possibilidade. E como não nos foi dada essa palavra de ordem, pergunta-se a concluir, tal como se começou:

Acção, para quando?...